

MORTE E PSICOLOGIA NO CONTEXTO HOSPITALAR

Kemily Correia

kemily.correia@hotmail.com

Duelen Souza de Oliveira

duelen.duh@gmail.com

Bruno Jardini Mader

bjmader@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia; Psicologia e Morte; Morte e profissional de saúde.

RESUMO: Introdução: A presente revisão diz respeito a discussão sobre a morte e a psicologia no contexto hospitalar. Pretende-se compreender como o profissional de saúde lida com a situação da morte nesse contexto. **Percursos teórico:** A morte, ao longo dos anos, teve seu significado alterado de acordo com as demandas e com a cultura de cada sociedade. Entende-se que a morte é um processo natural, pois a finitude da vida é certa, e que há de chegar para todos algum dia, pois morrer é tão natural quanto nascer. Esse conceito de morte na Idade Média era bem aceito pois, ao ficar doente, a pessoa acamada era cercada por seus entes querido à espera da morte. Esse processo, tido como um ritual sagrado, permitia a elaboração do luto, tanto por parte do paciente, quanto por parte dos familiares. No século XX então, com o aumento da tecnologia e o avanço da medicina, essa visão da morte é alterada. A morte deixa de ser vista como algo natural, e passa a ser algo negado, evitado, sendo no hospital, o local onde ela deveria ser extinta. Ao contrário disso, foram nos hospitais que aconteciam o maior número de mortes, onde se encontravam profissionais que não estavam preparados para tal. Ao passo que antes quem acompanhava a morte dos pacientes era a família, a morte passou a ser acompanhada pelos profissionais no contexto do hospital. Trazendo isso para o contexto atual, ainda hoje, a questão da morte é pouco abordada nos cursos da área da saúde, principalmente no que diz respeito aos sentimentos e emoções que essa pode provocar no profissional. A exigência é que o profissional de conta da cura, da preservação da vida a todo custo, promova a saúde do paciente, porém, essa ideia de saúde tida como alcançável dentro do hospital é divergente do que se entende por saúde. O termo saúde foi definido pela Organização Mundial de Saúde pela primeira vez em 1948 como "estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade". No entanto, o conceito dado pela OMS recebeu críticas por motivos técnicos e de origem política. A saúde vista por essa perspectiva, seria definida por uma vida íntegra e sem restrições, ou seja, um ideal que não se pode atingir. A Constituição Federal de 1988 se recusa a definir o conceito de saúde, porém afirma que ela é um direito dos cidadãos e dever do Estado. Porém, o que se vê é que a saúde no contexto hospitalar diz respeito a um objeto, sendo dever do profissional alcançá-la a qualquer custo. Quando isso

não ocorre e o profissional perde um paciente, essa perda pode provocar sentimento de fracasso e uma angústia que contribui ainda mais para a mistificação da morte, tornando ainda mais difícil a sua elaboração. É sempre importante lembrar que a morte de alguém próximo também lembra a própria finitude da vida, gerando, inconscientemente, uma angústia no profissional a respeito de si mesmo. Essa angústia pode muitas vezes fazer com que o profissional se torne mecanicista e distante no cuidado de um paciente que possui um prognóstico não favorável a vida. O envolvimento espiritual pode auxiliar o profissional a compreender a morte de maneira transitória. No ambiente hospitalar, onde a morte é vivenciada de maneira frequente aos profissionais, é notória que as questões envolvidas com o processo de morte podem ser justificadas com a falta de discussão aberta sobre o assunto. No que diz respeito a finitude da vida, o papel da psicologia no ambiente hospitalar está atrelado a bagagem teórica/técnica que proporciona ao psicólogo auxiliar a equipe, família e o próprio paciente, a ter um novo olhar sobre a morte. Dessa forma, o papel da psicologia tem o objetivo de diminuir o sofrimento do paciente, numa primeira instância, auxiliar os familiares a lidarem com o luto pela perda de um ente querido, e a equipe a lidar com a própria angústia pela impotência de salvar um paciente. Apesar dessa ideia de que o psicólogo é o mais preparado para lidar com a questão da morte de um paciente, pouco se leva em consideração que a morte pode provocar também nesse profissional uma angústia. Assim como os outros profissionais atuantes no ambiente hospitalar, o psicólogo também lida diariamente com as questões de morte, sendo esta considerada como uma companheira de trabalho. A psicanálise, ainda nos dias de hoje, se questiona se existe, inconscientemente, algum tipo de representação da morte pois a morte nunca foi vivida, então não pode ser representada. Segundo ela, nosso inconsciente tende a negar a finitude da vida. Durante a assistência psicológica de um paciente, ocorre a criação de um vínculo, a chamada transferência e, muitas vezes, a convivência com um paciente abre espaço para um vínculo afetivo por parte do profissional. Nessa situação, é considerado normal que, diante da morte desse paciente, o profissional se sinta angustiado pelo sentimento de falta, de perda. O fato de o psicólogo trabalhar quase que diariamente com as perdas, o subsidia emocionalmente para lidar com a morte. **Considerações:** A morte, apesar de um processo natural e comum a todos os seres, é colocada em questionamento quando se trata de suas implicações. Os desafios acerca da representação da morte refletem na assistência profissional dada no ambiente hospitalar. Estes profissionais podem vivenciá-la diariamente e devido ao vínculo com os pacientes, o impacto individual torna-se inevitável. Sendo assim, faz-se necessário a compreensão acerca da morte e suas implicações nesse ambiente devido o tabu social imposto por ela. O diálogo e apoio àqueles que vivenciam a morte cotidianamente é fundamental para o cuidado efetivo da saúde tanto aos profissionais quanto aos pacientes.

REFERÊNCIAS:

BORGES, M. S.; MENDES, N. Representações de profissionais sobre a morte e o processo de morrer. **Rev Bras Enferm**, 65(2), p. 324-331, Brasília, 2012.

MAGALHÃES, M. V.; MELO, S. C. A. Morte e Luto: o sofrimento do profissional da saúde. **Psicologia e Saúde em Debate**, v. 1, n. 1, p. 65-77. abril, 2015.

FREITAS, A. F. S. C; OLIVEIRA, S. A. Os impactos emocionais sofridos pelo profissional de psicologia frente à morte em contexto hospitalar. **Akrópolis Umuarama**, v. 18, n. 4, p. 263-273, out./dez. 2010.

SPÍNDOLA, T.; MACEDO, M. C. S. A morte no hospital e seu significado para os profissionais. **Rev Bras Enferm**, v. 47, n.2, p. 108-117, Brasília, 1994.

CARVALHO, J. S.; MARTINS, A. M. A morte no contexto hospitalar: revisão de literatura nacional sobre a atuação do psicólogo. **Rev. SBPH**, vol.18 no. 2, Rio de Janeiro, 2015.

SCLIAR, M. História do Conceito de Saúde. **Rev. Saúde Coletiva**, n. 17, v. 1, p. 29-41. Rio de Janeiro, 2007.